

Como Sair do Afeganistão

Bing West

As opiniões expressas neste artigo são exclusivamente do autor.

TEMOS UM PROBLEMA. Nossa doutrina de contrainsurgência (COIN) afirma que “soldados e fuzileiros navais devem ser capazes de realizar a ‘construção nacional’, além de serem combatentes”. Passados dez anos, não construímos a nação afegã, e o esforço despendido acabou retirando o foco do ethos do guerreiro, enfraquecendo-o.

Os Estados Unidos invadiram o Afeganistão a fim de destruir a rede da Al Qaeda. Contudo, ela e o Talibã atravessaram a fronteira e fugiram para o Paquistão. Em vez de persegui-los, os Estados Unidos permaneceram no Afeganistão, prometendo construir uma forte nação democrática, que impediria o retorno dos terroristas.

Em 2002, os Estados Unidos — atuando em conjunto com a Organização das Nações Unidas — selecionaram Hamid Karzai para ser o líder do novo Afeganistão, um político pertencente a uma ilustre família pashtun. Os Estados Unidos também facilitaram uma revisão da Constituição afegã, de modo que Karzai pudesse nomear todos os governadores das Províncias. Ele, por sua vez, colocou parentes e amigos íntimos nesses cargos de poder.

O que é ainda pior: os Estados Unidos conferiram a Karzai a autoridade absoluta para selecionar comandantes policiais e militares. Assim, os cargos de comando foram colocados à venda, exigindo pagamentos e conexões políticas. O resultado foi uma liderança corrupta e não profissional, que permitiu que o Talibã retomasse o controle no interior, a leste e ao sul de Cabul.

Quando o Presidente Obama assumiu o poder, o Afeganistão estava fugindo do controle. Obama reforçou a parceria com o Paquistão, aumentou o

número de soldados norte-americanos para 100 mil e prometeu dar início à retirada de tropas em meados de 2011. Durante seus primeiros dois anos na Presidência, três diferentes oficiais-generais dos Estados Unidos assumiram o comando no Afeganistão; a estratégia militar estadunidense se concentrou na proteção da população; o Paquistão continuou a fornecer abrigo ao Talibã; e Karzai se mostrou instável e não confiável.

Qual é a Nossa Situação Atual?

Comecemos com o inimigo. O Talibã se desloca livremente ao longo dos 2.250 quilômetros de fronteira com o Paquistão, facilmente evitando os norte-americanos, sobrecarregados com sua “blindagem pessoal” e seus equipamentos pesados. No norte, o Talibã recebe o apoio das subtribos das regiões capilarizadas por ravinas e vales. No sul, eles recebem uma parcela da renda proveniente do tráfico de drogas, ao mesmo tempo em que advertem os cultivadores de papoula que o governo irá erradicar sua forma de sustento. Fazendo um balanço, algumas aldeias pashtuns são amistosas e outras hostis, não estando a maioria disposta a estabelecer parcerias com os norte-americanos, porque isso decerto resultaria em trocas de tiros e destruição.

Ajihad contra os infiéis passou a ser um poderoso grito de guerra do Talibã. Oitenta e quatro por cento dos afegãos se identificam como sendo, acima de tudo, muçulmanos. A crença islâmica é uma ideologia tanto quanto é uma religião, e a intenção é que ela forme a base da governança. Contudo, o governo de Cabul não se projetou como o verdadeiro protetor do islamismo, enquanto o Talibã conquistou discípulos entre os mulás rurais. O que é pior: os chefes do tráfico e muitos afegãos das zonas rurais continuam a conspirar para fornecer 95% da heroína do mundo.

Ex-Subsecretário de Defesa e ex-combatente de Infantaria, Bing West esteve atuando incorporado em dezenas de Unidades operacionais no Afeganistão, nos últimos dois

anos. Este artigo foi extraído de seu novo livro, The Wrong War: Grit, Strategy, and the Way Out of Afghanistan (Random, 2011).



Soldado estadunidense retorna à sua base avançada, finda sua missão na aldeia de Paspajak, no Distrito de Charkh, Província de Logar, Afeganistão, 20 Jun 10.

Os pontos fortes do Talibã são seu fervor islâmico e o acesso a áreas seguras. O Paquistão está determinado a continuar apoiando alguns grupos talibãs, para o caso de os Estados Unidos desistirem da guerra e os extremistas retornarem ao poder. Enquanto o território paquistanês continuar a servir como abrigo, a guerra não terá fim.

As vulnerabilidades do Talibã são a logística precária e o desinteresse popular. Tendo vivido sob o controle do Talibã nos anos 90, a maioria dos pashtuns não gosta da causa dos islamitas radicais. Embora o grupo obtenha recrutas todo ano, não tem havido um crescimento de apoio popular acentuado.

No saldo final, nenhum dos dois lados está ganhando. Por um lado, os Estados Unidos não possuem os efetivos necessários para proteger milhares de aldeias e as Forças de segurança afegãs não se sentem confiantes para fazê-lo. Por outro, o Talibã não é capaz de concentrar Forças devido ao poder de fogo norte-americano. O Talibã acredita que, depois

de uma retirada estadunidense, os distritos rurais cairão como peças de dominó.

Qual é a Nossa Estratégia Militar?

A coalizão conta com 47 países posicionados contra o inimigo. A maioria deles contribui apenas com simbolismo político. Os franceses, holandeses, canadenses, australianos e britânicos participaram do combate. No estágio atual, porém, a ação é majoritariamente estadunidense, com as Forças afegãs lutando ao seu lado ou a alguns passos atrás.

A estratégia de contrainsurgência da coalizão é “proteger e servir a população”. Em troca, espera-se que ela rejeite os insurgentes¹. O teórico contrato social foi consagrado como doutrina em um manual de 2006 do Exército e do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, intitulado *Counterinsurgency*².

O Secretário de Defesa, Robert Gates, aprovou a missão de construção nacional. Em 2008, disse aos alunos da National Defense University:

“Sempre que possível, as operações cinéticas [que envolvem o emprego de força — N. do T.] devem ficar subordinadas a medidas para promover melhor governança, a programas econômicos para fomentar o desenvolvimento e a iniciativas para resolver as queixas entre os insatisfeitos...”³ Os serviços sociais de COIN — a governança, a economia, a resolução de queixas — transformaram nossas Forças Armadas em um enorme “Corpo de Paz”. Esse era o modo “inteligente” pelo qual os soldados deveriam combater uma insurgência.

A defesa de uma contrainsurgência “inteligente” estimulou o crescimento de uma rede social que impulsionou as carreiras de alguns oficiais familiarizados com teorias acadêmicas e acostumados a expressar-se em livros, artigos e *sites*. Os comandantes de batalhão aprenderam a apresentar quatro linhas de operações como o mantra dos seus *briefings*: segurança, desenvolvimento, governança e Estado de Direito. Não bastava combater os guerrilheiros; os comandantes estadunidenses se tornaram os governadores distritais *de facto*, gastando a maior parte de seu tempo em tarefas não militares.

A construção nacional pelas Forças Armadas norte-americanas englobava três tarefas:

- Proteger a população.
- Distribuir dinheiro e conduzir projetos para estimular o patriotismo.
- Conectar a população com autoridades governamentais competentes.

Proteger a população. Proteger a população requer uma enorme quantidade de tropas. Há mais de 7 mil aldeias pashtuns a serem patrulhadas e, em 2008, os Estados Unidos não dispunham do efetivo para cobrir a maioria delas. A realização de uma patrulha que passava pelas aldeias uma vez a cada dois ou três dias não constituía proteção. Além disso, mesmo quando protegidos, os pashtuns não podiam retribuir com o fornecimento de informações contra o Talibã ou de recrutas para o Exército afegão.

A argumentação de que, no Iraque, uma técnica idêntica de proteção da população deu resultado não se aplica ao caso do Afeganistão. Naquele país, as tribos sunitas têm uma hierarquia distinta e passaram para o lado da tribo mais forte — a estadunidense — por acreditarem que ela estivesse vencendo. No Afeganistão, as tribos pashtuns são

menos hierárquicas, e a maioria permanece neutra até descobrir quem vai ganhar.

Distribuir dinheiro. A coalizão gastou bilhões no financiamento de projetos para fazer com que as tribos se alinhassem com o governo. As Forças Armadas dos EUA cunharam a máxima “dólares são munição”. Os comandantes de batalhão e de companhia distribuíram milhões.

Em resposta, os afegãos embolsaram o dinheiro, a começar pelos escalões mais altos. Da mesma forma que a “guerra contra a pobreza” do ex-Presidente Lyndon Johnson, a construção nacional criou uma cultura de dependência e de sensação de direito adquirido. A ironia é que os norte-americanos liberais se opõem à Guerra do Afeganistão porque ela desvia verbas dos programas de benefícios sociais nacionais, ao passo que os conservadores contrários a tais programas no âmbito nacional apoiam uma guerra baseada nos mesmos benefícios. Tanto o governo de Cabul quanto as tribos pashtuns estão acostumados a receber algo por nada e a oferecer nada em troca. O Afeganistão é o segundo país mais pobre e mais corrupto do mundo⁴.

Conectar as tribos com o governo central. Nas Forças Armadas dos EUA, todos são promovidos com base no desempenho, e não em suas conexões. No Afeganistão, as promoções são

Os serviços sociais de contrainsurgência — a governança, a economia, a resolução de queixas — transformaram nossas Forças Armadas em um enorme “Corpo de Paz”.

concedidas com base em uma mistura de suborno, parentesco e capacidade. O governo não funciona sob um conjunto de regras que recompensa a competência. Há muitos funcionários afegãos capazes designados para os distritos, mas isso ocorre de forma imprevisível. Os elos entre as aldeias e o governo são frágeis.

A teoria de COIN que prega a persuasão da população, para que ela se vire contra o Talibã, mostrou-se equivocada, na prática. A coalizão não conta com o enorme efetivo necessário para proteger milhares de aldeias, nas quais muitos habitantes têm primos que fazem parte do Talibã. Os anciãos pashtuns aceitam serviços governamentais, como escolas e estradas, mas não instam seus jovens a ingressar no Exército do governo. Como afirmou o General David Petraeus, as tribos sobrevivem ao se comportarem como “camaleões profissionais”⁵. O povo é o prêmio de quem ganhar a guerra, e não um meio de vencê-la.

No verão de 2010, o Conselho Internacional de Segurança e Desenvolvimento conduziu pesquisas de opinião abrangentes em Helmand e Kandahar⁶. Os resultados demonstraram alto grau de ceticismo popular, foco interno isolacionista e xenofobia, o que levanta sérias dúvidas sobre a estratégia de COIN estadunidense de “proteger e servir a população”. As operações militares norte-americanas foram consideradas “ruins para o povo afegão” por 70% dos respondentes. Setenta e quatro por cento deles consideraram errado trabalhar com Forças estrangeiras. A grande maioria, em três distritos, achava que as Forças da OTAN não protegiam as populações locais nem respeitavam o islamismo e as tradições populares.

As populações pashtuns se viam como observadoras da guerra, e não como participantes. Os sociólogos diriam que essas atitudes demonstram que a OTAN ainda está perdendo a batalha de narrativas. No entanto, talvez estejamos exigindo demais de nós mesmos. O

Precisamos implantar uma estratégia que seja compatível com a redução de nossos meios.

abismo existente em termos de cultura, religião, idioma e tradições tribais é extenso demais para ser transposto com mais treinamentos sobre “sensibilidades” ou com mais xícaras de chá que bebemos com os locais. O fato é que a distribuição

de bilhões de dólares criou uma sensação de direito adquirido e de expectativa, sem o correspondente sentimento — entre os pashtuns, como um todo — de obrigação a condenar, denunciar e combater os pashtuns talibãs.

Contudo, nossa doutrina liberal de contrainsurgência se baseia no seguinte contrato social bilateral: os norte-americanos fornecem proteção e serviços — a missão da Força Internacional de Assistência à Segurança é “proteger e servir a população” — e, em troca, o povo (os pashtuns) fornece recrutas para as Forças de segurança afegãs e se volta contra os insurgentes, tanto ativa, quanto passivamente. Os pashtuns não fizeram nenhum dos dois. Não cumpriram sua parte do contrato social. Estão determinados a permanecer neutros até que se convençam de que um lado vá ganhar.

Como foi dito por Roger Myerson, ganhador do Prêmio Nobel: “O governo é legítimo quando todos acreditam que todos os outros nacionais obedecerão a ele... em todos os lugares, as pessoas acabam aceitando o governo da facção capaz de vencer batalhas decisivas, eliminar seus inimigos e proteger seus amigos, mesmo que ela não possua nenhum outro símbolo de legitimidade que seja culturalmente aceito”⁷.

Os talibãs entendem isso. Acreditam ser os melhores combatentes e estão dispostos a matar seus inimigos.

As Forças Armadas dos EUA, por outro lado, perderam de vista sua missão central de neutralizar o inimigo. Há anos que o Secretário Gates e o Almirante Mullen enfatizam que “não conseguiremos alcançar a vitória matando ou capturando”⁸. A mensagem se firmou. Avessos a riscos, os estados-maiores dos escalões mais altos analisam o tamanho e a movimentação até mesmo de patrulhas de pequenas Unidades. As tropas estadunidenses veem poucos insurgentes e são extremamente cuidadosas ao atirarem de volta. Há um advogado em cada centro de operações de batalhão, para determinar se um alvo pode ou não ser atacado, e nenhum soldado da coalizão está autorizado a prender um insurgente.

O quartel-general em Cabul publica relatórios diários sobre apreensões e batidas policiais. Eles incluem um parágrafo-padrão com a seguinte redação: “A Força de segurança não disparou armas e protegeu mulheres e crianças durante a



Exército dos EUA, Cb Carl L. Hardy, Op Psico

Forças afegãs, em conjunto com soldados do Exército dos EUA, distribuem cartazes anti-Talibã, 17 Jun 09.

busca”⁹. O fato de um comando militar, em tempo de guerra, sentir-se obrigado a declarar que não houve qualquer disparo durante suas operações indica que o etos do guerreiro foi extirpado.

Na COIN, o custo de “proteger e servir” tem sido negligenciar o emprego de meios militares para derrotar os insurgentes. Os Estados Unidos aceitaram que as Forças da OTAN servissem sob a soberania do governo não confiável de Karzai. Ele controla todas as promoções dentro das Forças Armadas afegãs, embora sejam as nossas Forças que combatam e saibam quais oficiais afegãos são bons ou ruins. As nossas Forças não estão autorizadas a prender os insurgentes, e não sabemos que tipo de acordo Karzai acabará fazendo com o Talibã.

Os norte-americanos não podem invadir o Paquistão para remover o abrigo do Talibã e nem manter um grande efetivo dentro do Afeganistão, pelo tempo necessário à conquista do apoio pashtun.

Analisando os últimos dez anos, concluímos que a proteção da população e a construção nacional fracassaram como missões das Forças

Armadas dos EUA. De fato, o Presidente Obama insistiu que sua estratégia “não é a contrainsurgência nem a construção nacional empregando todos os meios”¹⁰. Contudo, nossa inimiga mortal, a Al Qaeda, está confinada ao Paquistão apenas devido à presença das nossas Forças no Afeganistão. Uma retirada completa das Forças militares estadunidenses no curto prazo — até 2014, digamos — resultará em uma sangrenta guerra civil, que provavelmente será vencida pelo Talibã. Isso revigorará a Al Qaeda, colocará em perigo um Paquistão possuidor de armas nucleares e prejudicará a confiança mundial nos Estados Unidos.

Que linhas de ação ainda estão disponíveis? Há duas alternativas: negociações ou o desenvolvimento das Forças afegãs.

As Negociações São a Solução?

Karzai se comporta como se a guerra fosse entre os estadunidenses e o Talibã e como se o governo afegão fosse uma parte neutra em busca de um acordo¹¹. O Presidente Obama ordenou que “trabalhássemos com Karzai quando possível



Soldados da Equipe de Reconstrução Provincial de Zabul, em Qalat, prestam segurança no alto de uma colina perto de Shinkay, no Afeganistão, 06 Jan 11.

e que o contornássemos quando necessário”¹². Sem dúvida, Karzai emitiu a mesma diretriz aos seus subordinados. Assim, as negociações são motivadas pelo desejo norte-americano de reduzir o escopo do seu compromisso e pelo medo de abandono de Karzai.

Na segunda metade de 2010, o General Petraeus se propôs a “sangrar a insurgência e pressionar seus líderes a negociar”¹³. Citou dados impressionantes sobre o número de mortes causadas pelas tropas de Operações Especiais. Durante anos, Petraeus e outras autoridades do alto escalão haviam dito às forças convencionais que se concentrassem na população e só combatessem o inimigo quando ele se pusesse no caminho. Se as tropas de Operações Especiais — que representavam apenas 7% da Força total — são o “martelo” para impor a negociação de um acordo, então a maioria das tropas designadas para a proteção da população tem exercido pouco impacto sobre o Talibã.

Estamos correndo o risco de prejudicar o nosso próprio etos de guerreiro justamente no momento em que nossas capacidades de vigilância ar-superfície e de ataque nos oferecem uma vantagem decisiva sobre qualquer inimigo. Temos uma geração de líderes com experiência de combate. O etos do guerreiro requer um agressivo espírito de ofensiva, um desejo de

subjugar o adversário. Não iremos desacreditar ou destruir o moral e o poder de atração do Talibã permanecendo na defensiva e realizando patrulhas em áreas seguras.

As negociações ratificam a força no campo de batalha, e não o contrário. Nas atuais circunstâncias, as negociações não oferecem uma solução razoável ou uma saída segura do Afeganistão.

Qual é a Saída?

Há bons motivos para permanecermos envolvidos. Nossa inimiga mortal, a Al Qaeda, está confinada ao Paquistão apenas devido à presença de nossas Forças no Afeganistão. Como já foi mencionado, uma retirada completa das Forças militares estadunidenses no curto prazo resultará em uma guerra civil, que provavelmente será ganha pelo Talibã.

Sendo assim, um Afeganistão estável será útil para nossa segurança nacional — embora não seja essencial. Não podemos nos dar ao luxo de gastar US\$ 100 bilhões anualmente em algo que é apenas útil. Temos travado uma guerra utilizando um caixa eletrônico que ficou sem dinheiro. Precisamos implantar uma estratégia que seja compatível com a redução de nossos meios. Estando mais pobres, precisamos lutar de forma mais inteligente.

Isso significa diminuir o número das missões de proteção da população e de construção democrática, que são de mínima utilidade. A população pashtun se recusa a virar-se contra o Talibã, e o não confiável Karzai — com poderes ditatoriais e mais quatro anos de mandato — não tem a menor intenção de construir uma democracia. Nossos batalhões convencionais estão se esforçando muito, com quase nenhum retorno.

Essa guerra será decidida entre as Forças afegãs e o Talibã, e não por uma troca de lado por parte das tribos. Os soldados afegãos, porém, carecem da motivação para desafiar o Talibã. “As Forças afegãs nunca assumirão um papel de liderança no combate, enquanto a coalizão estiver disposta a suportar o impacto principal”, disse o Capitão Forças Especiais Matt Golsteyn.

Na batalha pela conquista de Marja, em 2010, Golsteyn assessorou um batalhão com 400 militares afegãos. Contava apenas com dez experientes sargentos de Forças Especiais — uma equipe pequena demais para um combate prolongado. Por isso, os fuzileiros navais colocaram sob seu comando um pelotão de fuzileiros e alguns engenheiros e especialistas em apoio de fogo. Assim, o capitão passou a comandar uma força-tarefa de assessoramento em vez de uma equipe de Forças Especiais, mas sua tropa possibilitou que o batalhão afegão mostrasse um desempenho confiável por conta própria.

Esse modelo merece ser imitado. A principal missão dos EUA deve ser a de efetuar uma transição para cem forças-tarefa de assessoramento como essa, ao mesmo tempo em que reduz nosso efetivo total de 100 mil para 50 mil militares. Esses assessores participariam do combate com as Forças afegãs, forneceriam o elo com o apoio de fogo e teriam influência na definição de promoções. Por constituírem a peça central do esforço estadunidense, essas unidades seriam supervisionadas por um General de Divisão.

É bastante provável que o público norte-americano apoie a guerra por tempo indeterminado, se ela for travada a um custo menor. Essa não é uma guerra patriótica. Em 2010, a guerra não ficou entre os dez principais problemas que preocupavam o público. Entretanto, nem o público nem a imprensa se colocaram contra ela, como aconteceu no Iraque.

Em 2005, um grupo de combate do Corpo de Fuzileiros Navais matou mulheres e crianças na cidade de Haditha, no Iraque. As investigações detalhadas acabaram não comprovando que haviam sido cometidos atos de homicídio. Não obstante, Haditha permaneceu na primeira página dos jornais durante meses porque, para muitos na mídia e no Congresso, o caso representava um conveniente símbolo de uma guerra desastrosa.

Em 2010, alguns soldados estadunidenses foram acusados de matar civis afegãos aleatoriamente, por esporte¹⁴. A maior parte dos membros da imprensa e dos políticos ignorou a história. A maioria democrática na Câmara de Deputados dos EUA apoiava a guerra, ao passo que comentaristas liberais na mídia não queriam enfraquecer Obama ao incitarem um movimento antiguerra.

Embora esse alinhamento da política interna sugira que seja possível manter o apoio à campanha, Obama não esconde seu incômodo com ela. “Não ficarei dez anos”, disse Obama. “Não conduzirei uma construção nacional de longo prazo... É preciso que haja um plano para transferirmos a responsabilidade”¹⁵.

Os assessores militares fornecem os meios para tal transferência e não ficam contrariados com o fato de seu Comandante em Chefe e a maioria de norte-americanos terem outras preocupações e prioridades. Em outubro de 2010, tive a oportunidade de conversar com um grupo de assessores militares, todos voluntários para

Não podemos explicar por que eles escolhem essa vida dura.

Dançam conforme uma música diferente. Gostam de lutar e são extremamente hábeis nisso.

sua segunda passagem pela missão. Mal podiam esperar para voltar ao combate.

“Se me acertarem, não quero que ninguém fique com pena de mim”, disse um sargento. “Estou fazendo o que eu quero. Alguns de nós não voltaremos. Sabemos disso. Vamos tocar em frente essa maldita missão!” Os demais assessores

concordaram com entusiasmo. No Corpo de Fuzileiros Navais e no Exército há aventureiros durões, capazes de aceitar o suor, o calor, o frio, as contusões, o vômito, o cheiro de pólvora, as explosões, o estalar dos tiros, os gritos e a camaradagem, sabendo que alguns dentre eles serão mutilados ou morrerão. Não precisam de uma guerra patriótica ou de sacrifícios por parte do público. Não podemos explicar por que eles escolhem essa vida dura. Dançam conforme uma música diferente. Gostam de lutar e são extremamente hábeis nisso.

Conforme ilustrará a história de nossas batalhas no Afeganistão, nossos assessores militares são temidos pelo Talibã e inspiram a lealdade e a energia entre os soldados afegãos. Essa guerra será decidida pela determinação. Os talibãs são combatentes ferozes e resistentes. Hoje, eles têm energia para derrotar as Forças de segurança afegãs. A missão dos assessores militares é incutir um espírito de vitória nos *askars*, os integrantes das Forças de segurança. Essa — e não a proteção da população — deve ser a tarefa principal.

As Forças singulares só organizarão um corpo de assessores militares se o Congresso ou o Presidente determinarem que o façam. O Exército prevê que a guerra irregular será a provável forma de combate, no futuro. Contudo, a unidade central para o Exército e para o Corpo de Fuzileiros Navais continua a ser o batalhão convencional, organizado nos moldes da época da Segunda Guerra Mundial. Nenhuma das duas Forças está disposta a mudar. Não queremos combater as guerras dos outros. Também não queremos deixar que islamitas radicais nos matem. Portanto, o Exército e o Corpo de Fuzileiros Navais devem oferecer incentivos e recompensar assessores com promoções e maior reconhecimento do que aqueles reservados aos comandantes convencionais. Eles não farão isso se não houver um impulso externo significativo.

Como nação, devemos nos comprometer a permanecer no Afeganistão enquanto for necessário, ao mesmo tempo em que reduzimos nossas Forças convencionais e desenvolvemos uma força-tarefa de assessoramento militar. Além disso, as Forças de Operações Especiais devem perseguir e localizar os líderes islâmicos radicais, enquanto são mantidos os ataques com helicópteros ao longo da fronteira com o Paquistão, por Unidades do

tipo Comandos. Neutralizar o inimigo — e não proteger a população — deve ser a missão principal. A tarefa dos assessores é desenvolver e apoiar as Forças de segurança afegãs até que elas sejam tão ferozes na batalha quanto o Talibã. Isso levará anos. Os soldados afegãos lutarão se os assessores norte-americanos estiverem ao lado deles; sem eles, os afegãos irão se desestruturar.

Nosso erro no Afeganistão foi fazer o trabalho dos outros durante dez anos, esperando retribuição, apesar do abismo cultural e religioso que existe entre nós. Considerando a enorme extensão territorial do país, as tradições tribais e a ampla disponibilidade de refúgio no vizinho Paquistão, proteger a população pashtun e esperar que ela rejeite o Talibã em favor do governo de Cabul é uma estratégia por demais etérea. As Forças Armadas dos EUA devem transferir a construção nacional para o Departamento de Estado e tirar a ênfase da proteção da população. É contraproducente nos apegarmos a uma teoria que enfraqueceu nosso etos de guerreiro e que não nos levou à vitória. É hora de passarmos para um corpo de assessoramento militar que possa revigorar as Forças de segurança afegãs e impedir a tomada de poder pelos islamitas radicais.

O Afeganistão é a guerra errada para a estratégia de COIN. Nossas tropas não são o Corpo de Paz; são combatentes! Que elas lutem e que o Talibã as tema!**MR**

REFERÊNCIAS

1. Counterinsurgency Guidance, *Commander of International Security Assistance Force Headquarters*, Cabul, 27 July 2010.
2. *Field Manual 3-24, Counterinsurgency* (Washington, DC: Government Printing Office), September 2006.
3. GATES, Secretário Robert. *Transcript*, National Defense University, 29 September 2008.
4. Associated Press, *Fact Check*, 11 September 2010.
5. Entrevista na emissora MSNBC, 15 August 2010.
6. INTERNATIONAL COUNCIL ON SECURITY AND DEVELOPMENT, AFGHANISTAN, *The Relationship Gap*, disponível em: <www.icosgroup.net> (28 November 2010), p. 6-29.
7. MYERSON, Roger. *Foundations of the State*, trabalho para a University of Chicago, 11 November 2008, p. 11.
8. Consultar, por exemplo, a emissora de TV Fox News, 10 set. 2008; ABC News, 11 set. 2008; ou a transcrição Pentagon SecDef Transcript, 15 July 2008.
9. Consultar, por exemplo, <www.isaf.nato.int/article/isaf-releases/index.php> (4 October 2010).
10. WOODWARD, Bob. *Obama's Wars* (New York, Simon & Schuster, 2010), p. 329.
11. Senator Lindsey Graham, Fox News, 22 August 2010.
12. WOODWARD, p. 386.
13. FILKINS, Dexter. "U.S. Uses Attacks to Nudge Taliban Toward a Deal", *New York Times*, 14 October 2010.
14. WHITLOCK, Craig. "Members of Stryker Combat Brigade in Afghanistan accused of killing civilians for sport", *Washington Post*, 18 September 2010.
15. LUXENBERG, Steve. "Bob Woodward Book Details Obama Battles", *Washington Post*, 22 September 2010.